

Árvores da cidade

O alerta do aquecimento global arrebatou as atenções para uma questão que estava invisível na maioria das cidades brasileiras: a arborização urbana. Sinta como as árvores podem trazer benefícios para as metrópoles e qual a melhor maneira de empregá-las.

“As árvores ficam paradas, uma a uma enfileiradas. Na alameda, crescem pra cima como as pessoas (...) Árvore querida, perdão pelo coração que eu desenhei em você com o nome do meu amor.” Até os compositores Arnaldo Antunes e Jorge Ben Jor se encantaram com as árvores urbanas e se inspiraram na sua beleza para escrever músicas. Afinal, é uma dádiva tê-las por perto, principalmente porque são capazes de tranquilizar as estressantes cidades.

Gradativamente, com a conscientização da necessidade de preservar o meio ambiente, o alerta do aquecimento global, o aumento de pessoas com doenças psiquiátricas e do sistema respiratório, no Brasil, cresce a preocupação com a ocupação ordenada e a paisagem urbana.

As leis assegurando as árvores e o acesso à natureza criam a tendência de as “selvas de pedras” se transformarem em um ambiente repleto de árvores que fornecem inumeráveis benefícios para a população.

Entretanto, os locais mais difíceis de arborizar são justamente as vis públicas, pois existem diversas interferências a ser compatibilizadas. Fiação, edificações, iluminação pública, sinais de trânsito, pedestres, automóveis e tubulação dificultam o emprego das plantas. Por isso, descobriram-se maneiras de como empregá-las e quais as espécies mais indicadas.

Segundo a arquiteta paisagista Jeanne Trindade, gerente de plantio da Fundação Parques e Jardins, da Prefeitura do Rio de Janeiro, a capital fluminense planta, em média, 15 mil árvores em áreas públicas. Isso porque a cada 150 m² de área construída, as empresas privadas são obrigadas a inserir uma árvore no terreno. Caso não seja possível, a legislação assegura que se plante o dobro em uma área pública, sendo o custo pertencente a elas. “O Rio de Janeiro é uma cidade muito quente, que necessita de arborização forte”, diz a arquiteta.

As árvores possuem várias funções. No caso da capital fluminense, a mais perceptível é a melhoria climática. “Elas produzem sombra e diminuem o calor”, conta Jeanne. Também, há uma melhoria na circulação de partículas de poeira, pois as árvores evitam que elas fiquem suspensas no ar. Outra questão de destaque é com relação ao sequestro de carbono. Na cidade, elas podem reter 15 vezes mais poluição do que em área rural, diminuindo o efeito estufa. Tudo isso sem considerar a parte estética, tendo em vista que embelezam o meio em que estai, Desse modo, pode-se afirmar que a paisagem urbana é tão importante quanto o ar que respiramos. Os arquitetos Gabriel Kalili e Fernando Freitas estão realizando intervenções urbanísticas na capital São Paulo, na Praça Campo Limpo Paulista, na reurbanização da avenida Dr. Enéas Carvalho de Aguiar (onde está localizado o Hospital das Clínicas) e no Terminal Rodoviário em São Bernardo do Campo. Eles explicam que, antes de escolher e plantar as árvores, é preciso verificar o entorno em que se está trabalhando e as influências que a nova implantação terá em relação a ele. “Elementos são estudados, como o tipo de ocupação da área do entorno, as volumetrias das edificações existentes, as perspectivas visuais, assim como o agravamento ou a solução desses fatores que a nova intervenção trará”, conta,.

No caso de São Bernardo do Campo, as características da ocupação impossibilitaram a devida importância a ser dada à arborização na área interna do terminal. Ela ficou restrita aos locais públicos sob competência do poder municipal. Por sua vez, na avenida Dr. Enéas Carvalho de Aguiar, em São Paulo, todas as árvores existentes foram preservadas ou recolocadas, por tratar-se de uma área envoltória ao patrimônio histórico. “O canteiro central, desde o projeto original, contempla áreas ajardinadas a arborizadas – inclusive sobre a laje da garagem subterrânea”, expõe Gabriel Kalili.

Escolhendo a planta

Após se inteirar mais sobre urbanismo, a principal dúvida é: quais árvores podem ser empregadas na arborização urbana? A resposta é um misto de bom senso com conhecimento de botânica. Em primeiro lugar, alguns municípios não utilizam mais plantas que não sejam endêmicas da região. A arquiteta paisagista Jeanne Trindade contou que, agora, a cidade dá prioridade às árvores nacionais. “Plantamos 80% das árvores nativas do Rio por dois motivos: elas são mais adaptadas à região, ao solo, ao clima e à umidade, necessitando de pouca manutenção. E, segundo, porque oferecem alimentos específicos para animais que vivem na cidade”, esclarece a profissional. São frutíferas que atraem pássaros e pequenos animais, servindo de abrigo e equilibrando o ecossistema. Na medida que as matas acabam, os animais não mais encontram árvores nas quais se alimentar, podendo até morrer. “A arborização, de maneira singela, procura atrair a fauna nativa do Rio”, explica a arquiteta. “Contudo, prefere-se não plantar árvores que fornecem frutas grandes, como manga, jaca ou outras muito cobiçadas pela população, revela Jeanne. Isso porque o nível de depredação ou vandalismo contra a planta, mesmo por uma causa inocente, poderia ser alto. Por exemplo, uma criança, ao jogar uma pedra para derrubar uma manga, involuntariamente poderia causar algum acidente. Em outro caso, ao cair, o futuro poderia atingir alguém ou algum objeto. Dessa forma, a pitangueira, pela qual a população não tem tanto interesse, é uma planta alternativa para fornecer alimento para a fauna.

Devido a esses problemas – ou por não mais ser indicadas à urbanização, às vezes, é indispensável, trocar algumas espécies por outras. No bairro do Botafogo, no Rio de Janeiro, a população relutava em apoiar a decisão de trocar a abricó-de-macaco por outra espécie. “No entanto, seu fruto pesa de três a quatro quilos e é do tamanho de uma bola de boliche. Quando cai, pode machucar”, alerta Jeanne. Assim, conforme essas árvores morrem, são substituídas por outras espécies. Vale ressaltar que quando a arborização está consolidada, emprega-se plantas adultas e não mudas novas, para não prejudicar o visual. Essa preocupação ocorre, pois, além do cuidado com o bem-estar, os danos causados pela arborização urbana são de responsabilidade da prefeitura. Daí a importância da poda. “Estima-se que o Rio de Janeiro possua 670 mil árvores apenas em vias públicas.

Por ano, são podadas cerca de 60 mil”, enumera a arquiteta. Vale, então, colocar a mão na terra e fazer o plantio. As árvores mais indicadas são: Porte pequeno: famboyantzinho, calistemon, diadema, marinheiro. Porte médio: caroba ou jacarandá, sibipiruna, tingui-preto, dedaleiro, quaresmeira, aleluia.

Porte grande: angelim-doce, sombreiro, faveira, dedaleiro, ipê-amarelo, tipuana, ipê-roxo.

Fonte: Guia de Árvores do Brasil 2007

Data: 2007